

Os sinos dobravam marcando duas da tarde,
Mal abrira os olhos e já via que a agitação do dia começara.
Do sonho lembrava pouco, apenas o vulto da última cena lhe sobressaía na memória.
Mas não entendia o que era.
Ouvia da cozinha o som claro de que já haviam terminado o almoço.
Hesitava em levantar, sabia o que ainda vinha.
Do vão da janela a luz mostrava que o sol era alto, mas sentia o frio que soprava.
Levantou!
Como que com pressa despiu-se do pijama e vestiu a primeira camiseta, e se pôs a completar a veste.
Ainda ouvia o barulhos daqueles que tentava evitar.
Mal terminou de colocar o ténis e o quarto foi invadido:
“Feliz aniversário!”
Deu um sorriso tentando parecer normal, olhava a todos e não entendia.
Abraços, empurrões, beijos, aguentou tudo.
E como entraram, saíram.
Restou aquilo que queria: silêncio.
Abriu a janela, deixou enfim o sol entrar.
Mas aquilo já não mais lhe animava.
Tentou lembrar do sonho, mas em vão.
A luz clara do sol marcava bem os contornos do quarto.
Olhou pela janela, mirando a rua, buscando o mais distante.
Via ao longo da calçada as árvores, sem folhas, balançando com o vento.
No jardim a grama verde resistia, dava-lhe vontade do toque.
Resolveu sair.
Colocou na mochila seu gravador e os microfones.
Encaixou no pescoço os fones, e guardou no bolso o metrónomo.
Pôs os óculos, ajustando ao nariz.
Do bloco de notas arrancou uma página e colocou no lixo.
Abriu a porta e seguiu o tapete até a sala.
OuvIU tudo e ao mesmo tempo nada.
Chegando a porta virou-se:
“Vou sair, devo voltar para a janta!”
Não esperou resposta e se pôs na rua.
Nada lhe soava tão bem quanto a rua.
Lembrava sempre do título de uma música:
“Les Silences d’un étrangé jardin”
Repetia para si de tempo em tempo.
Rumava ao centro da cidade, lá estava o que queria.
Sentou-se à praça, sacou os microfones.
Acomodou os fones aos ouvidos.

[REC+PLAY]

*Então o mundo se despiu.
Do que antes relativo, teve certeza.
Os sons que entravam desnudavam a paisagem.
Elementos tão pequenos ganhavam importância.
Cada carro que passava era um rastro de som numa tela invisível.
As pessoas conversando tornavam-se som contínuo.
Palavras e sons menores se ressaltavam:
Os pássaros ao longe soavam tão próximos e tão belos.
Cachorros brincando, crianças, portas, passos.*

*Buscava olhar o que o ouvido ressaltava.
E aquilo se tornava um jogo.
Era um momento íntimo com o mundo, uma cumplicidade.
Parecia mergulhar num mar onde tudo mudava.
Tudo soava e nada era vão.
E o tempo passava vagarosamente.
Nestes momentos esquecia de tudo.
Das discussões, dos atrasos, do que queria.
Nestes momentos apenas “era”.
Perdia, ou ganhava, a tarde imerso nos sons.
Percebendo-os.
Mas chegava o momento em que sabia que deveria parar.
Como criança, luta contra. Mas o adulto sempre vence.
[STOP]*

E tudo voltava, e este instante era como se o tempo corresse para se pôr no lugar.
Se pôs em pé, ajeitou a mochila nas costas e rumou para o estúdio.
No caminho passou pela banca de revistas e comprou o jornal do dia.
Chegou no estúdio, deu bom dia ao segurança, perguntou à secretária se havia algo para o dia. Na resposta negativa, rumou para estúdio A.
O prédio era simples por fora, mas por dentro escondia um lugar muito bem cuidado e bem moderno. tinha dois estúdios de gravação e duas salas de composição. Uma recepção e uma sala de estar com direito a máquina de café e de lanches simples.